



Os Encontros de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (1965-1983): estudo histórico e bibliométrico

Diogo Vivas^a, Silvana Roque de Oliveira^b

^a*Instituto de História Contemporânea, FCSH, Universidade Nova de Lisboa e Museu da
Presidência da República, Portugal, diogoantoniovivas@gmail.com*

^b*CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, silvana.oliveira@fcs.unl.pt*

Resumo

O presente estudo apresenta um enquadramento histórico seguido de uma breve análise bibliométrica das oito edições dos *Encontros dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas* (1965-1983), através do estudo dos seus textos publicados em actas e das versões integrais das comunicações submetidas aos *III e VIII Encontros*, que permaneceram inéditas, mas se encontram disponíveis à consulta em pelo menos duas bibliotecas de Lisboa. Numa perspectiva quantitativa e diacrónica, desenvolveu-se um conjunto de indicadores bibliométricos unidimensionais, através da análise da produção, da autoria – relativamente ao género, à proveniência institucional e geográfica e ao tipo de colaboração –, para além de uma análise temática das comunicações, procurando pontos de convergência com o contexto internacional.

Palavras-chave: Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas (1965-1983), Profissionais da Informação, História da Ciência da Informação, Portugal, Análise bibliométrica

Introdução

Decorridos 50 anos do lançamento dos *Encontros* – aos quais sucederam, a partir de 1985, os *Congressos Nacionais* da BAD –, considerámos pertinente a apresentação de um primeiro trabalho, que forneça elementos para a compreensão do seu papel na valorização social e no desenvolvimento técnico-científico dos profissionais e dos serviços de informação em Portugal, entre a década de Sessenta e os primeiros anos após o 25 de Abril.

Deste modo, o presente estudo começa por apresentar um enquadramento histórico seguido de uma breve análise bibliométrica das oito edições dos *Encontros dos Bibliotecários e Arquivistas* (a partir de 1973, sob a designação de *Encontro dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas*) – em diante referidos como *Encontros* –, realizados entre 1965 e 1983, em diversas cidades do país, a saber: Coimbra (Faculdade de Letras), entre 1 e 3 de Abril de 1965; Lisboa (Secretariado Nacional da Informação), entre 30 de Março e 3 de Abril de 1966; Porto (Casa do Infante), entre 10 e 12 de Abril e, a 13 de Abril de 1968, em Braga (Biblioteca Pública e Arquivo Distrital); Coimbra (Faculdade de Letras), entre 4 e 7 de Dezembro de 1973; Braga (Universidade do Minho – Salão Medieval), entre 6 e 9 de Outubro de 1976; Aveiro (Universidade de Aveiro), entre 15 e 17 de Março de 1978; Lisboa (Reitoria da Universidade de Lisboa), entre 14 e 17 de Novembro de 1979 e Lisboa (Reitoria da Universidade Nova de Lisboa), entre 28 de Fevereiro e 3 de Março de 1983.

Numa perspectiva quantitativa e diacrónica, serão desenvolvidos indicadores bibliométricos unidimensionais, através de uma análise da produção e da autoria, esta última caracterizada quanto ao género, a proveniência institucional e geográfica e o tipo de colaboração. Numa perspectiva quali-quantitativa e, em linha com outros estudos relativos a esta área disciplinar (Järvelin e Vakkari, 1990 e 1993; Delgado López-Cózar, 2002; Rochester e Vakkari, 2003), proceder-se-á a uma caracterização temática das comunicações, procurando possíveis pontos de convergência com o contexto internacional.

Quando estamos perante uma disciplina na sua fase pré-paradigmática (Fourez, 2009), de perfil essencialmente técnico e profissional, como era o caso da Ciência da Informação em Portugal à época dos *Encontros*, os congressos ganham relevo como fontes de informação (Delgado López-Cózar,

2002), para se ter acesso a um diagnóstico mais próximo da realidade estudada. Pode dizer-se que, a par do Curso de Bibliotecário-Arquivista de Coimbra, que deteve o exclusivo da formação superior durante cerca de 50 anos (Portugal, 1935), e o projecto dos *Cadernos*, os *Encontros* assumiram um inequívoco protagonismo na formação de uma identidade profissional e disciplinar dos especialistas da informação portugueses nas décadas que antecederam o desenvolvimento académico e tecnológico que só a recuperação do regime democrático viria assegurar. É precisamente por essa faceta histórica e identitária que começamos a nossa reflexão.

Enquadramento histórico

A partir de 1887, com a criação da Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, Portugal passou a dispor de um órgão destinado exclusivamente à coordenação do sector de bibliotecas e arquivos estatais. Um dos seus períodos mais relevantes e de maior actividade seguiu-se à implantação do regime republicano, com Júlio Dantas na direcção da Inspeção Superior e António Ferrão (a partir de 1946, Inspector Superior), na chefia da Repartição da Instrução Artística. Anos de grande dinamismo no campo da Arquivística e da Biblioteconomia, que se traduziram em avanços significativos nesta área, mas também de profundas alterações a nível político-social após o golpe militar de 28 de Maio de 1926 – agravadas, a partir de 1933 com o Estado Novo –, com implicações na evolução cultural do país. Em consequência do regime ditatorial vigente, os anos seguintes até ao início da década de 1960 foram de grande “imobilismo e estagnação [...], contrastando com a abertura e acelerado progresso que se viviam em outros países da Europa” (Ribeiro, 1998:622). De destacar, neste contexto, os esforços de António Ferrão e a iniciativa individual de alguns profissionais, como Manuel dos Santos Esteves ou Mário Alberto Nunes Costa (Ribeiro, 1998; Vivas, 2012), que constituíram exemplos dignos de referência.

Em face do “estado de torpor” (Ribeiro, 2008:111) relativamente ao funcionamento da Inspeção Superior e à situação de apatia generalizada, começaram a surgir as primeiras vozes de protesto. De um lado, os investigadores que não conseguiam aceder às fontes de informação de que necessitavam e, de outro, os próprios profissionais, pelo desinteresse a que os votava o poder, bem patente nos baixos salários que auferiam, e pelo desinvestimento nos serviços de informação (Ribeiro, 1998). Vozes de protesto como as de Virgínia Rau (1953) ou de Jorge Peixoto (1957) fizeram-se sentir logo na década de 1950, embora os efeitos desse inconformismo latente se tivesse tornado mais visível apenas no início da década de 1960, quando arquivistas e bibliotecários decidiram organizar-se e tornar públicas as suas reivindicações.

O momento de viragem na Arquivística e na Biblioteconomia portuguesas iniciou-se em Coimbra “onde se encontrava a maior concentração de bibliotecários-arquivistas por quilómetro quadrado no país, em torno da universidade e do curso da FLUC” (Amaral, 2014:154), em Julho de 1963, com o aparecimento dos *Cadernos de Biblioteconomia e Arquivística* – publicação de carácter técnico, que funcionou como polo dinamizador onde se publicavam artigos, se esclareciam dúvidas técnicas e divulgavam notícias nacionais e internacionais. Uma dinâmica que prosseguiu dois anos mais tarde, em 1965, novamente em Coimbra, com a organização do *I Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas*, que contou com a presença de cerca de 200 participantes incluindo representantes dos Açores, Cabo Verde e Guiné (Comentários, 1965).

Como é sugerido por Paula Ochôa (2012: 455), enquanto não obtiveram autorização governamental para fundar uma associação, os profissionais da informação tiveram nos *Encontros* não só uma oportunidade de troca de experiências técnicas e científicas, mas também uma possibilidade consentida de reunião para discutirem e pugnam pelos seus interesses laborais. Nesse sentido, o movimento organizado de bibliotecários e arquivistas, que se fez sentir, desde logo, na organização do *I Encontro*, alcançou as suas primeiras conquistas, embora nem todas de concretização imediata, com a promulgação dos Decretos-Lei n.º 46348 e 46350, ambos de 22 de Maio de 1965 (Portugal, 1965). De salientar, entre outros aspectos, a mudança da subordinação orgânica dos serviços da Inspeção para a Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, a criação da Terceira Secção da Junta Nacional de Educação, dedicada exclusivamente aos arquivos e às bibliotecas ou a concretização de uma antiga aspiração, a defesa dos diplomados com o Curso de Bibliotecário-Arquivista, no provimento definitivo de lugares nos serviços estatais (Editorial, 1965a). Um dos problemas a que o referido diploma não respondeu foi à situação económica dos bibliotecários e arquivistas, que veriam

os seus baixos vencimentos actualizados, em parte, apenas em 1969. Todavia não deixou de ser considerado um passo muito importante na equiparação aos demais técnicos do Estado (Editorial, 1973). Para além disso, e do ponto de vista biblioteconómico, criaram-se condições para o desenvolvimento de trabalhos no campo das Regras Portuguesas de Catalogação, do Depósito Legal ou dos Catálogos Colectivos (Editorial, 1966).

Maria Teresa Pinto Mendes, numa apreciação das implicações e resultados do *II Encontro*, afirmava que se havia formado uma equipa capaz de desenvolver um trabalho “sério e de preparação a longo prazo, [do qual poderia] resultar um III Encontro de reuniões vivas, participadas, com discussões de temas de real interesse para o exercício profissional do dia-a-dia” (Mendes, 1966:70). Temas concretos e de utilidade para o desempenho e desenvolvimento da profissão, tratados no âmbito dos *II e III Encontros* como a “administração de bibliotecas”; a “catalogação e alfabetação de impressos e manuscritos”; a “organização de arquivos modernos”; os “catálogos ideológicos”; a “administração de Arquivos” ou o “apoio da documentação científica e tecnológica à planificação e ao desenvolvimento nacionais”.

Contudo, se algumas conquistas se efectivaram, mercê do “espírito de corpo” gerado entre bibliotecários e arquivistas, nunca houve da parte do poder político uma preocupação em encarar e resolver de forma cabal os problemas das bibliotecas e arquivos. Numa época de grandes desenvolvimentos a nível internacional, potenciados por organismos como a UNESCO ou sob a alçada da FID, da FIAB ou do próprio CIA, as medidas continuaram a ser “esporádicas e desinteressadas de uma política global para o sector” (Ribeiro, 1998:629). Tornava-se, por isso, urgente uma mudança efectiva, de natureza estrutural, capaz de fazer face à generalização das novas tecnologias nos serviços de informação (Ribeiro, 1998).

Em 1973, após um interregno de 4 anos, os *Encontros* foram retomados, integrando pela primeira vez os “Documentalistas”, de forma expressa, além de se dar continuidade à acção desenvolvida pelo grupo de arquivistas e bibliotecários que desde 1963 asseguravam a publicação dos *Cadernos* e haviam conseguido organizar três *Encontros*. Uma congregação de esforços que viu uma vez mais frutificar o seu empenho, com a criação, nesse mesmo ano, da Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) (Amaral, 2013), cuja primeira assembleia-geral decorreu durante o *IV Encontro*. A BAD passou, desde então, a funcionar como centro dinamizador da consciência profissional em todos os aspectos relacionados com o sector e no estabelecimento de contactos a nível internacional, dos quais o país se encontrava afastado havia quase meio século.

Até 1983, data em que decorreu o último *Encontro*, foram realizadas mais quatro edições. Entre os temas tratados, destacam-se o debate em torno do “Sistema Nacional de Arquivos” (NATIS) ou o “planeamento das infraestruturas de informação”, em linha com as orientações da UNESCO (Encontro, 1978; 1979). Para concretizarmos alguns dos aspectos já sugeridos, centrar-nos-emos de seguida na análise bibliométrica dos textos das oito edições dos *Encontros*.

Fontes de Informação e Métodos

Num primeiro momento, foi necessário fazer a reconstituição da história editorial dos *Encontros* e coligir os diferentes textos que chegaram até nós, tendo-se optado por considerar não apenas os que foram publicados nos seus volumes de actas, mas também os que, apesar de submetidos às Comissões Organizadoras do *III e VIII Encontros* – no que presumimos ser a sua forma final – permaneceram inéditos, estando actualmente disponíveis à consulta pública, acondicionados em *dossiers* de arquivo, em duas Bibliotecas de Lisboaⁱ.

Nos dois primeiros *Encontros*, foram apresentadas comunicações e relatórios (textos mais desenvolvidos dos temas centrais das secções). A partir do *III Encontro*, os relatórios deram lugar a mesas-redondas, das quais se publicavam textos síntese. Como unidade de análise deste estudo, foram contabilizados todos os textos completos destas três tipologias, mas excluídas as mesas-redondas e as comunicações das quais apenas se publicaram tópicos, resumos, ou das quais apenas nos chegaram indícios através de notícias ou programas provisóriosⁱⁱ, sem que se disponha da sua versão integral.

Definidos estes critérios, a recolha dos dados foi efectuada manualmente e registada numa tabela Excel, tendo sido recuperados 234 títulos, repartidos entre 216 comunicações, 13 relatórios e 5 mesas-redondas, atribuídos a 302 autores de 124 instituições. Para colmatar dados como a proveniência

institucional e geográfica ou outros elementos nem sempre presentes nas actas, foram consultadas fontes de informação supletivas.

À semelhança do que já foi feito para os *Congressos Nacionais* da BAD (Oliveira et al., 2013), a classificação temática das comunicações fez-se a partir de uma lista de temas proposta por Jarvelin e Vakkari (1993) e posteriormente aplicada tanto por Delgado López-Cózar (2002) como por Rochester e Vakkari (2003), em estudos alargados da produção científica internacional na área da Biblioteconomia e Documentação publicada desde 1965. Ao mesmo tempo, foi utilizada uma segunda classificação *ad hoc*, com o objectivo de identificar as tipologias dos serviços de informação tratados nas comunicações.

Análise e discussão dos resultados

Análise da produção

O número de publicações é uma medida aceite para a análise da produtividade, apesar de não medir o real contributo para o progresso da ciência, pois nada nos diz sobre a qualidade ou o tipo de impacto dos documentos contabilizados (Zulueta, 2006). Não obstante, costuma ser um primeiro dado para aferir comportamentos nos seus aspectos diacrónicos. Pelo **Gráfico 1**, podemos observar que os dois primeiros *Encontros* estão bastante equiparados em número de textos disponíveis em versão integral (44 e 41 textos, respectivamente), dando-se uma descida muito acentuada no *III Encontro* (11 textos), que, como referimos, não chegou a ter um volume de actas publicado. Na década de 1970, os *Encontros* conseguem encontrar uma certa regularidade, se exceptuarmos a descida aos 24 textos em 1976. Não por acaso, o *Encontro* que apresenta o segundo valor mais baixo é o VIII, com 19 textos, que também não logrou publicar actas, provavelmente por não ter atingido um número de textos finais que justificasse o investimento ou por ficar bastante aquém do número médio de textos publicados por volume de actas (34).

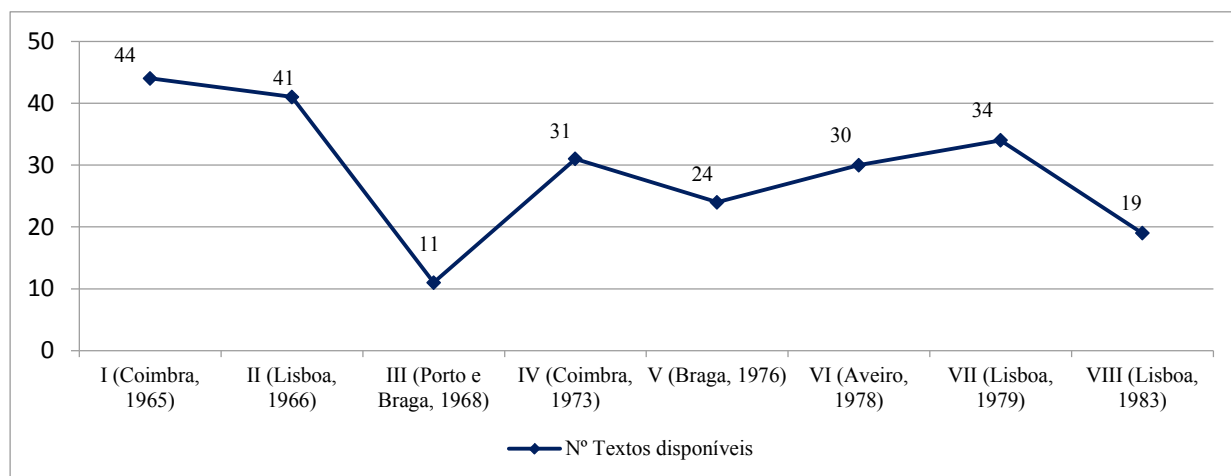


Gráfico 1. Evolução do número de textos disponíveis por *Encontro* (1965-1983)

No que toca os seus aspectos formais, os textos dos *Encontros* apresentam uma média de 13 páginas, oscilando entre as 2 e as 71 páginas. Apenas em 43% das comunicações são apresentadas as fontes de informação consultadas, o que denota uma deficiente normalização na apresentação dos trabalhos, aliada a uma frágil adesão às práticas da investigação científica, onde a identificação das fontes é um princípio consensual. Dos 101 textos com identificação das fontes, 56% optaram pelo sistema de notas, num comportamento mais próximo das disciplinas das Humanidades (Moreno, 2007), e 44% pelas referências em bibliografia final. O facto de estarmos perante edições impressas, agravado pela maior incidência nas notas de rodapé, tornaria a recolha exaustiva das referências bibliográficas uma tarefa demasiado morosa, pelo que se optou por limitar a sua análise à localização de referências aos *Encontros*. Neste levantamento foram contabilizadas 28 citações aos *Encontros* na totalidade dos 234 textos. Se tivermos presente que os congressos são uma tipologia documental pouco citada no contexto das Ciências Sociais e Humanas (Huang; Chang, 2008), pode afirmar-se que este valor

evidencia já algum impacto dos *Encontros* junto da sua comunidade de autores.

Produtividade dos Autores

Para avaliar a produtividade dos autores optou-se pelo método da contagem completa (Maltrás Barba, 2003), atribuindo a cada autor uma unidade por texto, mesmo quando assinado em colaboração. A **Tabela 1** mostra os autores mais produtivos, com 3 ou mais comunicações, que constituem uma minoria de 10%, responsável por 54% da totalidade dos textos, o que confirma, *grosso modo*, a tendência geral postulada pelas leis de Lotka ou a de Price, segundo as quais a maior parte da publicação científica é sempre assegurada por uma reduzida proporção de autores (Zulueta, 2006).

Autores	Nº Textos	Autores	Nº Textos
CALADO, Adelino de Almeida	9	SOUSA, Maria Túlia Mendonça Mota de	4
PEREIRA, Joaquim Tomás Miguel	8	CEPEDA, Isabel Vilares	3
MENDES, Maria Teresa Pinto	7	COSTA, Avelino Jesus da	3
FARIA, Maria Isabel	6	CURADO, Maria Alice	3
PAIVA, Lucília	6	DIAS, Rosa Maria da Mouta	3
SOUSA, José Manuel Mota de	6	GAMA, Ângela Barcelos da	3
AZEVEDO, Maria Manuela	5	GUERRA, António Vítor	3
NUNES, Natália	5	GUIMARÃES, Egídio	3
COSTA, Mário Alberto Nunes	4	LEMOS, Laura Oliva Correia	3
CRUZEIRO, Maria Manuela	4	MENDES, Maria Valentina	3
FARIA, António Machado de	4	MOREIRA, Alzira	3
FARIA, Maria da Graça	4	MOTA, Mário	3
IRIA, Alberto	4	NOGUEIRA, Maria Manuela Marques	3
PEREIRA, Marcelino	4	NUNES, Luís Filipe de Abreu	3
RAPOSO, Maria Emília	4	PACHECO, Maria Fernanda Duarte	3

Tabela 1. Autores com 3 ou mais textos (*Encontros*, 1965-1983)

A lista dos autores mais produtivos não surpreende, na medida em que faz eco de nomes incontornáveis da nossa área: Adelino de Almeida Calado, destacado bibliotecário na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) e, desde a sua fundação, responsável pelos Serviços de Documentação da Universidade de Aveiro; José Manuel Mota de Sousa e Maria Teresa Pinto Mendes, também da BGUC (Amaral, 2014). Não obstante, dois nomes maiores chamam a nossa atenção por não atingirem os lugares mais destacados deste *ranking* – o de Rosalina Cunha e o de Jorge Peixoto, autores assíduos dos *Cadernos* BAD, para dizer o menos. Tal constatação leva-nos a ser prudentes nas conclusões a retirar deste indicador, por apresentar apenas uma parte das publicações especializadas da época.

Análise da autoria

Para além da identificação dos autores mais produtivos, interessa caracterizar a autoria em outros aspectos, nomeadamente o género. Para a generalidade dos *Encontros*, temos uma distribuição quase paritária, com 54% autoras e 46% autores, sendo a ligeira vantagem feminina um prenúncio da predominância de mulheres nos serviços de informação (Peñas e Willett, 2006). Como se trata de um indicador de particular significado social, importa perceber o seu comportamento ao longo do tempo, como nos mostra o **Gráfico 2**. Na verdade, começamos por observar uma expressiva maioria (64%) de autores masculinos no *I Encontro*, que se torna ainda mais acentuada no *II Encontro* (73%). A inversão desta tendência dá-se apenas em 1969, no *III Encontro*, de forma permanente até ao último *Encontro*, em 1983, atingindo-se valores praticamente idênticos aos valores médios que se viriam a estabelecer no contexto dos *Congressos Nacionais BAD* (Oliveira *et al.*, 2013) – 64% de autores femininos e 56% de autores masculinos.

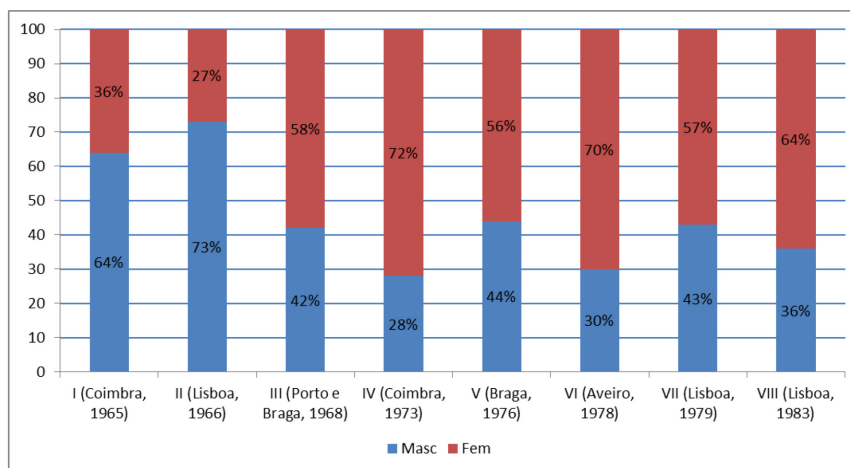


Gráfico 2. Evolução da distribuição relativa dos autores por género (*Encontros*, 1965-1983)

Se analisarmos o mesmo indicador na perspectiva das temáticas estudadas pelos autores e reduzirmos a nossa amostra aos textos que reflectem questões estritamente ligadas aos arquivos (39 textos) ou às bibliotecas (140 textos), obtemos resultados diferenciados, como se vê no **Gráfico 3**, onde é claro o predomínio feminino nos estudos sobre bibliotecas (62%), ao contrário dos estudos sobre arquivos, onde prevalece a autoria masculina (56%).

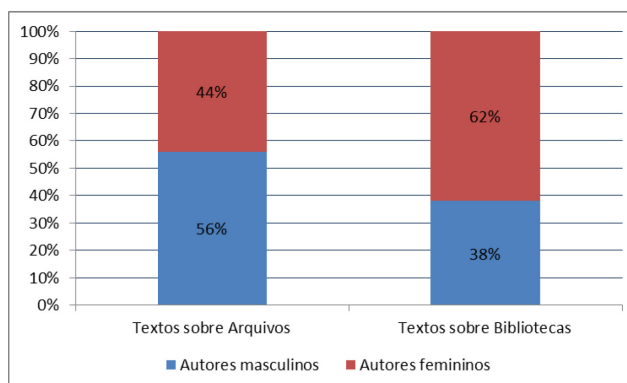


Gráfico 3. Distribuição relativa do género dos autores pelas tipologias de serviços de informação estudadas (*Encontros*, 1965-1983)

Análise da proveniência institucional

Para caracterizar a proveniência institucional e geográfica dos autores, recorremos à primeira instituição apresentada, procurando completar os casos omissos através de pesquisas na Internet, cruzadas naturalmente com a data de elaboração dos textos.

Relativamente ao país das suas instituições de origem (**Tabela 2**), constata-se uma presença residual de autores estrangeiros, em nada surpreendente. Se no *I Encontro* localizamos duas autoras brasileiras, entre elas Maria Luísa Monteiro da Cunha, fundadora do Curso de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo, em 1966 (Macedo e Fujita, 1992), os *II* e *III Encontros* vão pautar-se por um total isolamento face ao exterior, mas com uma participação portuguesa capaz de atrair autores dos diferentes territórios ultramarinos (de Cabo Verde, em 1966 e 1968), Moçambique (1966), (Angola, em 1968), chegando a surgir a ideia de se realizar o *IV Encontro* em Luanda (Comentários, 1968). Tal não veio a acontecer, mas participaram seis autores de Angola nesse *Encontro* e contou-se com a participação do primeiro autor espanhol, Hipólito Escolar Sobriño, director da Biblioteca Nacional de Espanha. Até ao 25 de Abril, para além de serem uma excepção, notamos que os autores estrangeiros provinham de países com regimes ditatoriais mais consonantes com o Estado Novo português. Logo a seguir, no *V Encontro*, em 1976, vemos surgir pela primeira vez um autor inglês (Stephen Vickers), mais três autores espanhóis e um autor da Roménia (Georghe Bondoc), para apresentar o sistema de bibliotecas de um regime socialista. O *Encontro* com maior participação de autores estrangeiros será o *VII* (1979), pela primeira vez com autores franceses (Michel Duchein e Jacques Tocatlian), vários autores brasileiros e dois ingleses. O último *Encontro* (1983) contará com a primeira e única participação americana (Igor Kavass).

<i>Encontros</i>	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	Total	%
Países	(1965)	(1966)	(1968)	(1973)	(1976)	(1978)	(1979)	(1983)		
Portugal	46	42	12	45	31	39	40	26	281	93,1%
Brasil	2	-	-	-	-	-	6	2	10	3,3%
Espanha	-	-	-	1	3	-	-	-	4	1,3%
Reino Unido	-	-	-	-	1	1	1	-	3	1%
Roménia	-	-	-	-	1	-	-	-	1	0,3%
França	-	-	-	-	-	-	2	-	2	0,6%
EUA	-	-	-	-	-	-	-	1	1	0,3%
Total de estrangeiros	2	0	0	1	5	1	9	3	21	

Tabela 2. Países da proveniência institucional dos Autores (*Encontros*, 1965-1983)

De entre os autores provenientes de instituições portuguesas, listamos as 10 cidades com maior representação nos *Encontros* no conjunto das 30 cidades identificadas (**Tabela 3**), de onde se destaca o protagonismo de Lisboa (40,7%) e Coimbra (33,1%), com valores muito expressivos e distanciados das restantes cidades.

Cidades	Nº Textos	% Textos
Lisboa	123	40,7%
Coimbra	100	33,1%
Porto	17	5,6%
Luanda	8	2,6%
São Paulo	7	2,3%
Aveiro	6	2%
Braga	6	2%
Figueira da Foz	4	1,3%
Bragança	2	1,7%
Curitiba	2	0,7%

Tabela 3. Distribuição geográfica dos autores pela cidade de proveniência institucional (*Encontros*, 1965-1983)

Numa análise à produtividade institucional, verifica-se, no entanto, que a instituição que apresenta maior número de textos nos *Encontros* é a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para além de várias bibliotecas da mesma universidade (**Tabela 4**).

Instituições	Nº Textos
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra	44
Biblioteca Nacional de Lisboa	10
Biblioteca Pública Municipal do Porto	8
Torre do Tombo	8
JNICT	7
Biblioteca da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra	6
Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	6
Curso de Bibliotecário-Arquivista da Universidade de Coimbra (alunas)	6
Serviços de Documentação da Universidade de Aveiro	6
Arquivo da Universidade de Coimbra	5
Centro de Documentação da Petrogal	5
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra	5

Tabela 4. Instituições com 5 ou mais comunicações (*Encontros*, 1965-1983)

Para um perfil mais completo das instituições de origem dos autores dos *Encontros*, apresentamos a sua caracterização por tipologia institucional (**Tabela 5**), adaptada de María del Rosario Arquero Aviléz (2001), onde podemos confirmar o carácter marcadamente profissional dos *Encontros*, com

78,1% de autores ligados a serviços de informação, dos quais 70,8% eram bibliotecas. Esta discrepância face ao mundo dos arquivos ou dos centros de documentação era uma preocupação dos participantes, chegando a ser expressa nas conclusões do V *Encontro* (1976: 32): «Que se diligencie para que, nos futuros Encontros, haja a maior representatividade dos três sectores, sobretudo dos Arquivos e Centros de Documentação, convidando expressamente para isso todos os elementos ligados a esses sectores.»

Tipologias institucionais	% Textos		Tipologias	% Textos
Serviços de Informação	78,1%	Serviços de Informação:	Bibliotecas	70,8%
Universidades e Investigação	6,3%		Arquivos	11%
Administração Central	4,3%		Centros de Documentação	9,3
Associações	2,3%		Serviços BAD	8,9%
Empresas	2%			
Entidades	1,7%			
Outras	0,7%			
Sem Afiliação	4,6%			

Tabela 5. Distribuição relativa da procedência dos autores por tipologia institucional (*Encontros*, 1965-1983)

Análise da colaboração

De uma forma geral, a autoria individual é a predominante, sendo o índice de co-autoria, que mede o número médio de autores por texto, de apenas 1,3. Nos *Congressos Nacionais da BAD*, o valor médio entre a década de 1980 e 1990 foi de 1,5, e nos anos 2000, até 2012, atingiu um índice de co-autoria de 2 (Oliveira et al., 2013). Analisando-se a taxa de colaboração ao longo do tempo, nota-se uma tendência de crescimento deste indicador nos últimos *Encontros* (**Gráfico 4**).

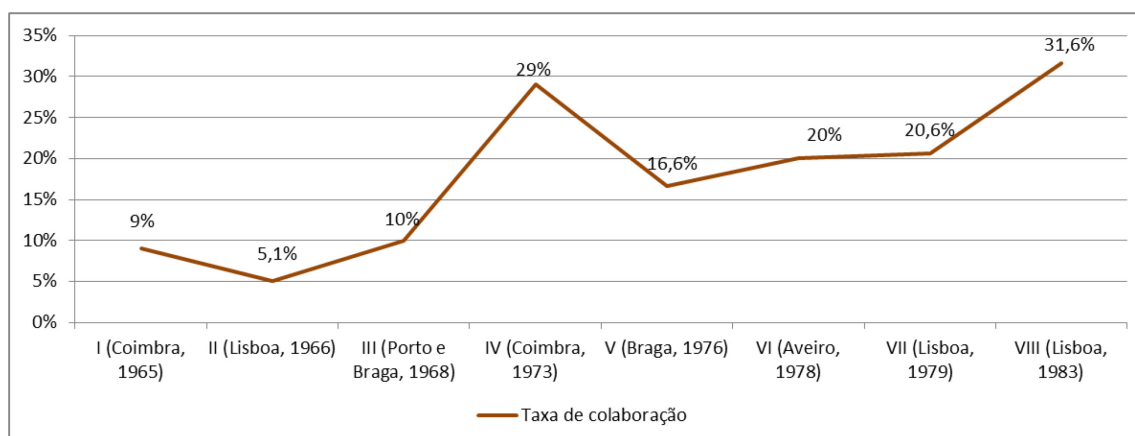
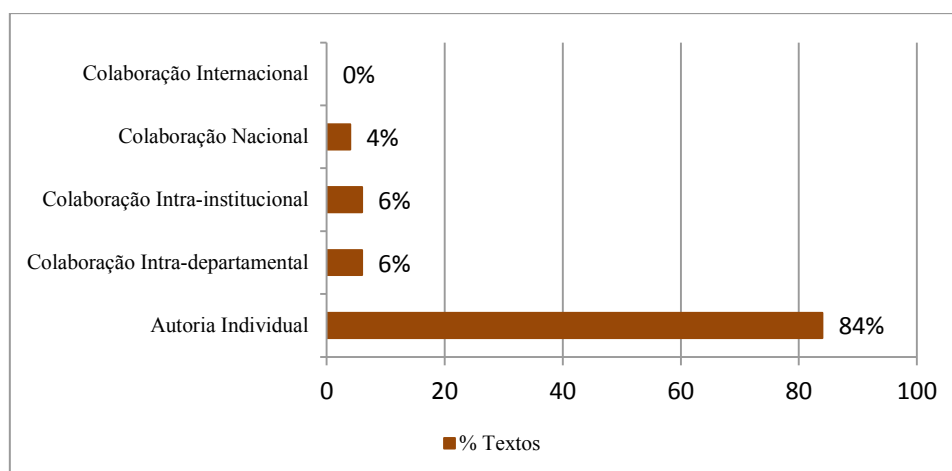


Gráfico 4. Evolução da taxa de colaboração (*Encontros*, 1965-1983)

Quanto ao tipo de colaboração, estabelecemos quatro níveis com base no grau de diversidade de instituições envolvidas na elaboração de um mesmo texto: intra-departamental (autores do mesmo departamento); intra-institucional (autores do mesmo organismo, mas com pelo menos um autor de um departamento diferente); nacional (pelo menos um autor de um organismo diferente); internacional (pelo menos um autor de um país diferente). No **Gráfico 5**, é manifesto o padrão de autoria individual (84%), para além da inexistência de colaboração internacional, a par de uma colaboração muito baixa, tanto intra-departamental como intra-institucional, apesar de equiparada (6%).

Gráfico 5. Distribuição relativa do tipo de colaboração (*Encontros*, 1965-1983).

Análise temática

A análise das comunicações permitiu-nos constatar alguma diversidade de casos apresentados, essencialmente aplicados às diferentes tipologias de serviços de informação, predominando os textos sobre bibliotecas em geral (25%), seguidos de textos sobre visões integradas dos serviços (15%) e de textos sobre bibliotecas universitárias (9%) e especializadas (9%). Descontada a atenção que merecem nas abordagens integradas, os arquivos surgem apenas a seguir, sendo a tipologia mais estudada a dos arquivos históricos (7%).

TEMAS	ENCONTROS								TOTAL	%TOTAL
	I (1965)	II (1966)	III (1968)	IV (1973)	V (1976)	VI (1978)	VII (1979)	VIII (1983)		
Profissão	4	4	0	0	0	0	1	0	9	3,85%
Evolução dos Serviços	3	1	1	3	2	1	2	2	15	6,41%
Evolução dos Documentos	0	3	1	2	2	0	1	1	10	4,27%
Formação em CI	3	2	0	1	0	4	1	0	11	4,7%
Estudos utilizadores	0	0	0	7	0	0	0	0	7	3%
Teoria	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0,43%
Serviços de Informação	11	15	3	9	14	15	18	9	94	40,17%
Organização & Recuperação da Informação	18	10	5	6	2	4	6	2	53	22,65%
Busca de Informação	2	1	0	2	0	5	2	3	15	6,41%
Comunicação científica	0	0	0	1	1	0	0	0	2	0,85%
Outros	3	5	1	0	3	0	3	1	16	6,84%
Outras disciplinas	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0,43%

Tabela 6. Distribuição temática dos textos (*Encontros*, 1965-1983)

Quanto às perspectivas temáticas, podemos observar na **Tabela 6** o predomínio das questões que se prendem com a administração e o planeamento dos serviços (40,17%), que foram mantendo a sua importância ao longo dos anos, secundadas pelas questões da organização e (menos) da recuperação da informação (22,65%), tema central no lançamento dos *Encontros* em 1965. Estas tendências replicam o comportamento internacional da área já identificado em estudos anteriores para as mesmas décadas (Delgado López-Cózar, 2002; Rochester e Vakkari, 2003).

Conclusões

A análise das oito edições dos *Encontros* (1965-1983) evidencia um conjunto de textos essencialmente

confinado ao âmbito nacional dos profissionais da informação em Portugal, pela exígua participação de autores estrangeiros e a total ausência de colaborações internacionais, cenário que ganha um potencial de mudança após o 25 de Abril. Todavia, através do recurso a uma maioria de fontes de informação francesas, inglesas, e também americanas, ou espanholas e brasileiras, essa abertura ocorrera como que sub-repticiamente, contribuindo assim para que as abordagens privilegiadas nas comunicações fossem, na sua generalidade, convergentes com as temáticas que se desenvolviam, à época, internacionalmente.

Tanto pelo que toca a autoria, predominantemente individual, como pelos aspectos formais e a incipiente normalização das referências bibliográficas, estamos perante um corpo documental com características próprias das Ciências Sociais, e ainda mais das Humanidades, numa fase pré-paradigmática da sua afirmação disciplinar.

A proveniência institucional dos autores, maioritariamente oriundos de Lisboa e Coimbra (73,8%), manteve-se muito marcada pelo mundo das bibliotecas, de forma particular as universitárias e especializadas, na procura de uma maior racionalização do seu planeamento e da organização e acessibilidade da informação, o que influenciou o tipo de problemas desenvolvidos.

O estudo proposto tem um carácter embrionário, pelo que será necessário aprofundá-lo e desenvolverem-se abordagens qualitativas sobre os autores que fizeram a história dos *Encontros*, para além de se sistematizar a produção publicada em outras tipologias documentais – nomeadamente nos incontornáveis *Cadernos BAD* –, por forma a não deixar perder o capital de conhecimento que nos foi legado entre as décadas de 1960 a 1980.

Agradecimentos

Para a reconstituição da totalidade dos textos escritos preparados para os *Encontros*, contámos com o pronto apoio do Dr. José Manuel Narciso, na Biblioteca Nacional de Portugal, da Dr.ª Paula Fernandes Martins, na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, da Dra. Sandrine Vercaempt, na Biblioteca da BAD, e da Dra. Anabela Cristóvão, na Biblioteca do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, bem como com as amáveis diligências da Dra. Maria José Moura e do Dr. Henrique Barreto Nunes, a quem queremos expressar a nossa gratidão.

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas

AMARAL, António Eugénio Maia (2013) – Apontamentos para a história da BAD: os primeiros anos (1973/1983). *Cadernos BAD*. [Em linha]. Nº 1/2, p. 7-15. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1024/pdf>>.

AMARAL, A. E. Maia do, coord. (2014) – *Os livros em sua ordem. Para a História da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 220 p. ISBN: 978-989-26-0893-8.

ARQUERO AVILÉZ, María del Rosário (2001) – *Análisis de la investigación española en biblioteconomía y documentación (1975-1984)*. Tesis de doctorado en la Universidad Complutense de Madrid. 654 p. [Consult. 15-07-2015]. ISBN 84-669-2170-2. Disponível na WWW: <URL: <http://eprints.ucm.es/tesis/inf/ucm-t25424.pdf>>.

Comentários e Notícias. O I Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses (1965) - *Cadernos BAD*. [Em Linha]. Vol. 2, N.º 2, p. 124-125. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/908/908>>.

Comentários e Notícias. O III Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses (1968) - *Cadernos BAD*. Vol. 5, N.º 4, p. 135-161.

DELGADO LÓPEZ-COZAR, Emilio (2002) – *La investigación en biblioteconomía y documentación*. Gijón: Trea. 256 p. ISBN. 84-9704-041-4.

Editorial (1965a) - *Cadernos BAD*. [Em Linha]. Vol. 2, N.º 3, p. 155-157. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/912/912>>.

Editorial (1973) - *Cadernos BAD*. ISSN 0007-9421 Vol. 10, N.º1, p. 3-5.

Editorial (1966) - *Cadernos BAD*. [Em Linha]. Vol. 3, N.º 2, p. 53-54. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/955/pdf>>.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS PORTUGUESES, 1, Coimbra, 1965 – *Actas*. Coimbra: [Imprensa de Coimbra], 1966. 550 p.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS PORTUGUESES, 2, Lisboa, 1966 – *Actas*. Lisboa: [Biblioteca Nacional], 1968. 486 p.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS PORTUGUESES, 4, Coimbra, 1973 – *Actas*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1974. 473 p.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS PORTUGUESES, 5, Braga, 1976 – *Actas*. Braga: [s. n.], 1976. 458 p.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS PORTUGUESES, 6, Aveiro, 1978 – *Actas*. Aveiro: [s. n.], 1978. 464 p.

ENCONTRO DOS BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS PORTUGUESES, 7, Lisboa, 1979 – *Actas*. 2 vols. Lisboa: [Universidade de Lisboa], 1979. 1.º vol. s/pág; 2.º vol. 248p.

FOUREZ, Gérard (2009) – *A Construção das Ciências: a Lógica das Invenções Científicas*. Lisboa: Instituto Piaget. 406 p. ISBN: 9789727719686.

HUANG, Mu.-hsuan.; CHANG, Yu-wei (2008) - Characteristics of research output in social sciences and humanities: From a research evaluation perspective. *Journal of the Association for Information Science and Technology*. [Em linha]. Vol. 59, n.º 11, p. 1819-1828. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.20885/abstract>>.

JÄRVELIN, Kalervo; VAKKARI, Pertti (1993) – The evolution of library and information science 1965–1985: A content analysis of journal articles. *Information Processing & Management*. ISSN: 0306-4573. Vol. 29, N.º1, p. 129–144.

MACEDO, Neusa Dias; FUJITA, Mariangela Spoti (1992) – Vida e obra de Maria Luisa Monteiro da Cunha. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*. [Em linha]. Vol. 25, N.º 1/2, p. 131-161. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.brapci.inf.br/article.php?dd0=0000011411>>.

MALTRÁS BARBA, Bruno (2003) – *Los indicadores bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia*. Gijón: Trea. 288 p. ISBN: 978-8497040129.

MENDES, Maria Teresa Pinto (1966) – Considerações sobre o II Encontro dos Bibliotecários e Arquivistas Portugueses. *Cadernos BAD*. [Em Linha]. Vol. 3, N.º 2, p. 68-70. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/961/960>>.

MORENO, Manuel de Castro Henriques Botelho (2007) - *Comunicação científica e normalização documental: o uso de normas documentais em Portugal, principais actores e divulgadores*. [Texto policopiado]. Universidade de Lisboa. (Tese de mestrado).

OCHÔA, Paula (2012) - *Transições profissionais na Sociedade de Informação em Portugal: percursos identitários e ciclos de competências de bibliotecários portugueses (1973-2010)*. [Em linha]. Universidad de Alcalá. (Tese de doutoramento). [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://dspace.uah.es/dspace/bitstream/handle/10017/17109/TESIS%20PAULA%20OCHOA.pdf?sequence%1>>.

OLIVEIRA, Silvana Roque de; MOREIRA, Catarina; BORBINHA, José; ZULUETA, María Ángeles (2013) – Uma análise bibliométrica do *Congresso Nacional dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas* (1985-2012). *Cadernos BAD*. [Em linha]. N.º 1/2, p. 22-38. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1026>>.

PEIXOTO, Jorge (1957) – *Para uma reforma das bibliotecas e arquivos portugueses*. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências.

PEÑAS, Célia Sanchez; WILLETT, Peter (2006) - Brief communication: Gender differences in publication and citation counts in librarianship and information science research. *Journal of Information Science*. [Em linha]. Vol. 32, N.º 5, p. 480-485. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: http://eprints.whiterose.ac.uk/77604/1/willettp_CeliaPenasGender.pdf>.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Ministério da Instrução Pública: Direcção-Geral do Ensino Superior e das

Belas-Artes: Decreto-Lei n.º 26026 [de 7 de Novembro de 1935]. *Diário do Governo*. [Em linha]. 1.ª série. Lisboa. N.º 258 (7 Nov. 1935), p. 1633-1635. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <https://dre.pt/application/file/537135> >.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Ministério da Instrução Pública: Secretaria-geral: Decreto-Lei n.º 46348 [de 22 de Maio de 1965]. *Diário do Governo*. [Em linha]. 1.ª série. Lisboa. N.º 114 (22 Mai. 1965), p. 710-711. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <https://dre.pt/application/file/295069> >.

PORTUGAL. Leis, decretos, etc. – Ministério da Instrução Pública: Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes: Decreto-Lei n.º 46350 [de 22 de Maio de 1965]. *Diário do Governo*. [Em linha]. 1.ª série. Lisboa. N.º 114 (22 Mai. 1965), p. 718-724. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <https://dre.pt/application/file/295071> >.

RAU, Virgínia (1953) – Arquivos de Portugal: Lisboa. In COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, Washigton, 1950. – *Actas*. Nashville: The Vanderbiet University Press, p. 189-213.

RIBEIRO, Fernanda (1998) – *O acesso à Informação nos Arquivos*. Vol. I. [Em linha]. Universidade do Porto. (Tese de doutoramento). [Consult. 13-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7058/3/fribeirovol01000061435.pdf> >.

RIBEIRO, Fernanda (2008) – *Para o Estudo do Paradigma Patrimonialista e Custodial. A Inspeção das Bibliotecas e Arquivos e o contributo de António Ferrão (1887-1965)*. Porto: CETAC: Edições Afrontamento, 302 p. ISBN 978-972-36-0948-6.

ROCHESTER, Maxine K.; VAKKARI, Pertti (2003) – International Library and Information Science: a comparison of national trends. *IFLA Professional Reports*. [Em linha]. N.º 82, 56 p. [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://archive.ifla.org/VII/s24/pub/iflapr-82-e.pdf> >.

VIVAS, Diogo António Correia (2012) – *Mário Alberto Nunes Costa: a acção arquivística e bibliotecária*. [Em linha]. Universidade Nova de Lisboa. (Tese de Mestrado). [Consult. 15-07-2015]. Disponível na WWW: <URL: <http://run.unl.pt/handle/10362/10173> >.

ZULUETA, María Ángeles (2006) – Bibliometría y métodos bibliométricos. In LÓPEZ YEPES, José (coord.). *Manual de Ciencias de la Documentación*. Madrid: Pirámide, p. 117-136. ISBN: 84-368-2032-0.

ⁱ Do que temos conhecimento, a documentação inédita, constituída por 11 textos dactilografados apresentados ao *III Encontro* (1968), está disponível apenas na Biblioteca da BAD. A documentação inédita relativa ao *VIII Encontro* (1983) está disponível na Biblioteca da BAD e na Biblioteca do Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, onde também existem alguns documentos manuscritos pertencentes à Comissão Organizadora. Do cruzamento dos dois *dossiers* do último Encontro (1983), resulta um conjunto de 19 textos completos, sendo que dois títulos se encontram apenas na Biblioteca do Ministério (“O sistema documental automatizado do Banco de Portugal: uma aplicação do ISIS” e “Achegas para um plano de educação de utilizadores de bibliotecas (EUB)”) e um título apenas na Biblioteca da BAD (“Inventário das fontes de informação”). Numa folha informativa da Comissão Organizadora, datada de Janeiro de 1983, com uma lista das “Comunicações anunciadas”, temos referidos 18 novos títulos de cujos textos finais desconhecemos a existência, o que apontaria para um conjunto de pelo menos 37 comunicações, mas, graças à numeração de alguns dos textos disponíveis, podemos afirmar que estiveram previstas pelo menos 38 comunicações.

ⁱⁱ Na nossa pesquisa localizámos um conjunto de 261 comunicações das quais 204 estão publicadas, 30 disponíveis em arquivo na sua versão integral e 27 são apenas referidas, seja na forma de resumos ou títulos indicados nas próprias actas (2 no *I Encontro* e 6 no *V Encontro*), seja através da secção de Comentários e Notícias dos *Cadernos BAD* (Comentários, 1968) (1 do *III Encontro*) ou na documentação avulsa do *VIII Encontro* (18 títulos, como referimos na nota 1).